

**ÁLVARO BOMILCAR E A “LÍNGUA BRAZILEIRA”:  
DO ALMANACK CORUMBAENSE À REVISTA GIL BLAS  
– UMA VISÃO DIACRÔNICA**

*Eliane Santos Paulino* (UEMS)

[eli14santos@hotmail.com](mailto:eli14santos@hotmail.com)

*Nataniel dos Santos Gomes* (UEMS)

[natanielgomes@uol.com.br](mailto:natanielgomes@uol.com.br)

**RESUMO**

A passagem de Álvaro Bomilcar por Corumbá (MS) foi marcada por sua contribuição no *Almanack Corumbaense* (1898), de proposta “informativa” e com interesse na manutenção da “prosperidade do paiz”. O destaque para tal produção, pouco explorada no campo da linguística, pode-se ver refletido na revista *Gil Blas* (1919-1923), de cunho nativista e antilusitano é, também, um instrumento de defesa de uma língua nacional: “no Brasil, não se fala o português, fala-se o brasileiro, com sintaxe, prosódia, estilo e vocabulário brasileiros”, como sugeriu Bomilcar no periódico. Assim, relacionar tais publicações, explorando as similaridades linguísticas, em uma visão diacrônica, é introduzir o “paladino” autor em um universo de destaque por sua relevante atuação na defesa de uma língua brasileira. No sentido de desenvolver tal proposta, faz-se necessário utilizar-se dos três princípios da historiografia linguística estabelecidos por Koerner (1996): a contextualização (ênfase à temporalidade e às suas relações com o objeto de estudo), a imanência (explicação dos fatos linguísticos) e a adequação (confronto entre períodos). Jesus (2012), na obra *Revista Gil Blas e o Nacionalismo de Combate*, subsidiará as relações intertextuais que o estudo sugere, no sentido de desvendar o caráter inovador da linguagem de Bomilcar.

**Palavras-chave:**

*Almanack Corumbaense*. Língua brasileira. Álvaro Bomilcar. *Gil Blas*.

**1. Introdução**

Nomes como Visconde de Pedra Branca e José Jorge Paranhos da Silva têm sido historicamente explorados como destaque à contribuição na defesa de uma língua do Brasil. A Semana de Arte Moderna de 1922, por seu caráter nativista, é ainda mais relevante; porém cabe inserir nesse processo histórico-linguístico a figura de Álvaro Bomilcar e seu compromisso com a cultura nacionalista – sentimento comum presente naqueles citados – nitidamente um precursor na defesa da “língua brasileira”.

Koerner (1996, p. 45) expõe que historiografia linguística é “um modo de escrever a história do estudo da linguagem baseado em princí-

pios”; tal pensamento servirá, portanto, para o levantamento de hipóteses neste estudo, visto que, mais que um registro histórico de determinado período linguístico, o propósito é destacar Álvaro Bomilcar no universo da sociolinguística.

As relações contextuais requererão análise comparativa do *Almanack Corumbaense* (1889) e a revista *Gil Blas* (1920). Por seu caráter diacrônico, o estudo ultrapassará o contexto linguístico, com ênfase à obra *Revista Gil Blas e o Nacionalismo de Combate (1919-1923)* de Carlos Augusto Nóbrega de Jesus (2012). Tal deslocamento histórico permitirá a análise proposta e o respaldo à ideia sustentada por Nascimento (2011, p. 3):

As mudanças sociais fundamentam-se no contexto histórico e estão correlacionadas às mudanças que ocorrem na língua. A historiografia linguística parte do princípio de que a língua, enquanto produto histórico-cultural torna-se simultaneamente veículo e expressão de dados socioculturais que pressupõem um olhar histórico.

Assim, o critério de delimitação temporal oferecerá o intervalo de 30 anos – período suficiente para perceber, na trajetória e atuação de Bomilcar em publicações distintas, quão importância foi atribuída à ideia de uma língua nacional. O princípio de imanência – proposto por Koerner (1996, p. 60) – respalda a pesquisa, visto enquadrar o objeto de estudo às tendências teóricas utilizadas à época do evento em questão.

## **2. Breve histórico sobre as dúvidas na denominação de uma variante brasileira da língua portuguesa**

Considerado uma época “densa e tensa” da história da língua portuguesa no Brasil, pela dificuldade de sistematizar a produção, o período em estudo apresenta imprecisões quanto à designação do português utilizado no Brasil. Sobre isso, Pinto (1981), na introdução da obra *O Português do Brasil – 1920/1945*, afirma:

As meias-tintas garantiriam, assim, uma indefinição pelo menos provisória. Vejam-se a propósito das teses apresentadas ao Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada, reunido em São Paulo, em 1937: sob a capa de expressões como *língua nacional*, *linguajar nacional*, *nosso linguajar*, eludia-se o problema, equacionado para outros em termos de dialeto.

À época, há destaque para expressões utilizadas nos manuais escolares em que constam referências como: *língua nacional*, *língua pátria*, *língua vernácula* (PINTO, 1981).

O próprio Bomilcar, no prefácio de *A Língua Brasileira*, de Domingos de Castro Lopes (1935, p. IX) considera a divergência entre a língua portuguesa e a “brasileira” e sugere a denominação de “língua brasileira”:

José Jorge Paranhos, com o pseudonymo “um brasileiro”, editara, em 1879 uma obra magnífica intitulada “O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brazil” e uma distinta D. Sarah Villares Ferreira, já havia publicado uma *Grammatica da Língua Brasileira*, quando Castro Lopes produziu esta admirável conferencia. Uns, porem, defendiam apenas o ponto de vista gramatical, outro a literatura e o estylo; este as creações populares e a prosodia brasileira, por mais doce e bem soante que a portuguesa.

Tal como a dificuldade de nomeação para a língua portuguesa utilizada no Brasil, houve transtorno em delimitar a periodização de tal evento. A mais aceita, segundo Pinto (1981), é a proposição de Renato Mendonça (1936 – *O Português do Brasil*): 1. Fase histórica: de 1826 a 1879, 2. Fase histórico-etnográfica: de 1879 a 1920 e 3. Fase dialetológica: a partir de 1920. O estudo em questão encontra-se, nesse caso, apoiado diacronicamente no citado período histórico-etnográfico, em que cabem associações como as descritas por Silva Neto (1986, p. 237) ao afirmar que, na sua pesquisa – *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil* –, apoiou-se na “história do Brasil, na formação e crescimento da sociedade brasileira”. Vê-se, portanto, o impacto da língua como expressão social, não dissociada da história e da civilização.

### **3. Bomilcar no Almanack Corumbaense**

O *Almanack Corumbaense* servirá como aporte documental inicial para o desenvolvimento do estudo. Criado em 1889, editado pelo historiador e geógrafo Ricardo D'Elia e redigido pelos jornalistas Pedro Trony e Álvaro Bomilcar; tal gênero foi descrito pelo próprio editor como: uma “luminosa idéa de apresentar ao publico do Brazil, uma publicação de propaganda tão necessaria e tão util” (p. XV).

A inserção de Bomilcar no citado *Almanack* da cidade de Corumbá, município, “Mattogrossense” à época, deu-se em virtude de sua carreira militar. Nascido em 1874 (Crato – CE), foi para o Rio de Janeiro, com interesses comerciais. Sem sucesso, tornou-se praça do Exército em 1892. Atuou no Rio Grande do Sul, em defesa do Estado, voltou para o Rio, na Escola Militar, mas em 1897, por ter sido considerado “indisciplinado” na referida entidade, foi banido ao estado de Mato Grosso, onde permaneceu até abril de 1899. Vê-se, por seu caráter contestador, uma

característica também afluída quanto à não aceitação de uma língua portuguesa, em seus moldes tradicionais, em terras brasileiras.

Sua parceria com o jornalista Pedro Trony lhe rendeu, ainda, a fundação do jornal intitulado *Pátria*, órgão político que, por algum tempo, teve vida próspera em “Matto Grosso”. No norte do Brasil, participou das redações da *Republica*, órgão da facção Lauro Sodré, no Pará, e dos jornais amazonenses *Federação* e *Amazonas*, quando residente em Manaus.

Com cinco publicações no citado *Almanack*, Bomilcar se distingue dos demais colaboradores por sua linguagem acessível e rompimento com alguns padrões normativos vigentes à época. Embora de caráter especulativo, é importante ressaltar que seus textos se enquadram nas ideias libertárias propostas por ele posteriormente. Viés libertário perceptível também para a língua, facilmente distinguido:

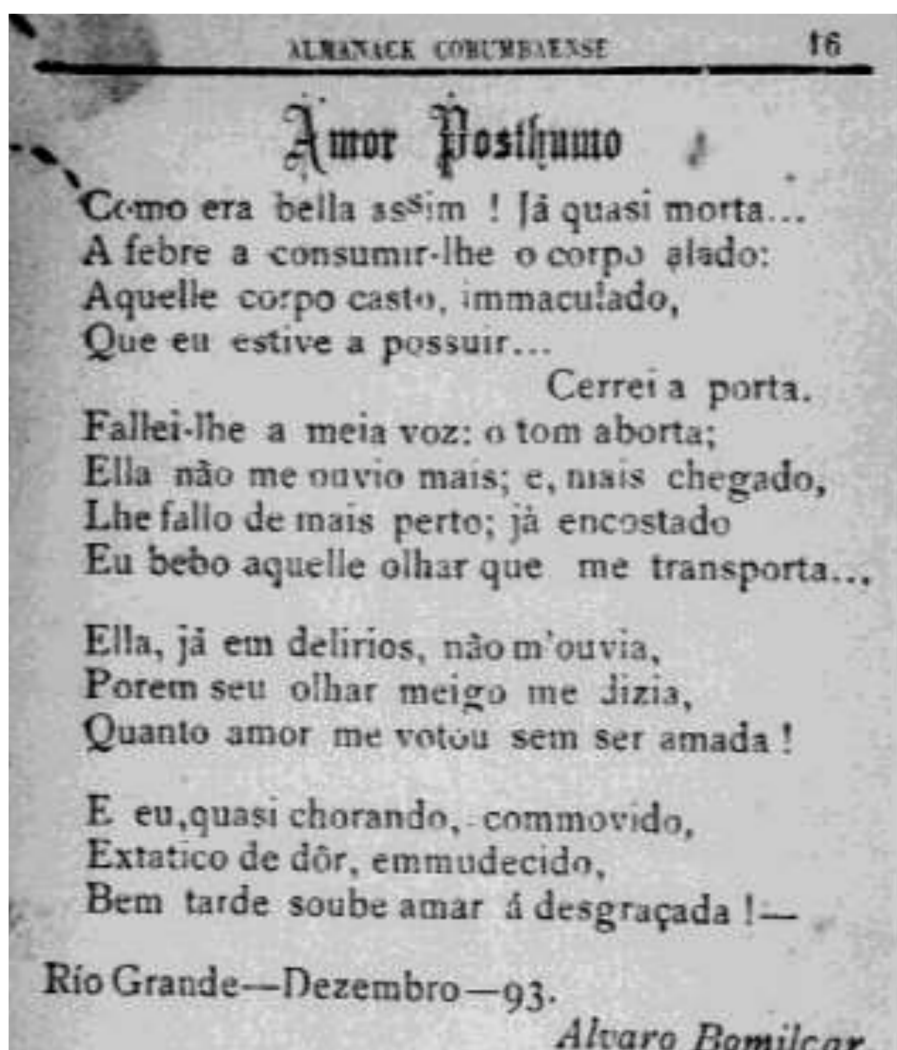


Fig. 1 – *Almanack Corumbaense* (1898)

Vale destacar a relevância do ambiente como sugere Callou e Leite (2002, p. 12): “unidade na diversidade e diversidade na unidade é o ponto central da questão sobre o português do Brasil”; dessa forma, ressaltar a inserção de Bomilcar em contextos socioculturais distintos é, também, elucidar os efeitos das dimensões geográficas no plano linguístico.

#### **4. Bomilcar na revista *Gil Blas***

Fundada por Álvaro Bomilcar, a revista *Gil Blas* (1919, Rio de Janeiro) é importante publicação histórica. Tal relevância dá-se, principalmente, pelo exacerbado nacionalismo, presente em suas 164 edições, nas quais 51 artigos pertencem a Bomilcar, conforme revela Jesus (2012, p. 21):

A revista *Gil Blas* manteve grande proximidade com as iniciativas da administração de Epitácio Pessoa (1919-1922), da qual foi porta-voz. Esse fato a torna importante fonte para entender não só as propostas intelectuais que se organizaram em torno de um nacionalismo carioca, mas também das iniciativas políticas do Governo Federal da época.

A nomenclatura *Gil Blas* deve-se ao romance francês de René de Lesage do séc. XIII, houve também um jornal (1879-1914) e uma revista (1891-1903) com o mesmo nome na França. A obra ganhou destaque por sua abordagem realista, de criticidade e ironia aguçadas – certamente, por tal relação, ganhou de Bomilcar tal importância na escolha do nome de sua revista.

Assim, unidas as vertentes: nacionalista e de ideias republicanos, tal periódico retrata o posicionamento de seus editores. Movimentos como a Propaganda Nativista (1919) e a Ação Social Nacionalista (1920) foram amplamente divulgados em suas edições. Oliveira (1990, p. 134) destaca:

O patriotismo é para o autor um sentimento natural, assim como a razão é para os iluministas uma faculdade natural. No caso brasileiro, este sentimento natural fundamenta-se em honrosas tradições, na capacidade da nossa raça, na consciência das nossas possibilidades e na nossa força. Foram estes princípios que levaram Bomilcar a fundar revistas e impulsionar movimentos.

Sobre a divulgação do pensamento de Bomilcar, vale ressaltar que sua publicação *O Preconceito de Raça no Brasil*, mesmo ignorada pela imprensa da época, encontra-se, hoje, como fonte de embasamento para discussões sociológicas. Nela, o autor (1920, p. 87) afirma:

No Brasil rende-se um culto exagerado a Portugal (...) Que somos uma colônia de lusitanos, tudo está a indicar, desde a nossa prevenção contra os estrangeiros de outras origens, até a nossa intolerância e hostilidade aos próprios brasileiros que têm a infelicidade de descenderem mais proximamente dos negros e dos espoliados indígenas (...) Só se encontram surtos de progresso e reais manifestações de cultura nos quatro Estados do sul – precisamente naqueles em que a influência portuguesa é nula.

Analogamente, Jesus (2012, p. 34) ratifica a revista francesa como inspiradora para Bomilcar ao sugerir que era “portadora de uma proposta salvacionista para o país”. Com subtítulo de “panfleto de combate”, o periódico era ilustrado por ícones da política ou da histórica, justificando assim o interesse dos editores por propostas nativistas, conforme se vê:



Fig. 2 – Revista *Gil Blas*, n. 113, 7 de abril de 1919

O citado “panfleto” serviu ainda para reforçar a posição de Bomilcar frente à defesa de uma “língua brasileira”. O autor adotou o termo “brasileirismos” às contribuições linguísticas dos brasileiros para a língua portuguesa. Há respaldo para tal nomenclatura em um dos “Mandamentos do Patriota Brasileiro”, divulgados pela revista *Gil Blas* (1919): “12 – Falar e escrever em língua brasileira, isto é, em português modificado pelos brasileirismos e locuções da numerosa população brasileira já incorporados ao nosso patriotismo linguístico”.

Assim, percebe-se claramente que o mesmo autor que mantém a “vis libertária” e “o idealismo latente na massa popular” defende, também, a quebra na imposição linguística, destacada anteriormente por sua participação no *Almanack Corumbaense*.

### **5. Bomilcar em debate: uma hipótese – Considerações finais**

Relacionar diacronicamente as produções de Álvaro Bomilcar no *Almanack Corumbaense* e na revista *Gil Blas* é inseri-lo no contexto da historiografia linguística para que sua atuação nesse processo seja desvendada; oportunamente, é ampliar contextos na tentativa de resgatar suas publicações no citado período e de revelar seu caráter precursor na defesa de uma língua brasileira, conforme Paulino (2014, p. 7):

Mesmo com a restrição documental de 1989, foi possível estabelecer convenções que, certamente, exigem aprofundamentos posteriores, no sentido de revelar as inúmeras facetas da proposta de cunho nacionalista do citado autor. Assim, estudar a participação de Bomilcar sem o apego à gramática normativa é encontrar muitas formas de refletir sobre o português brasileiro. É uma oportunidade para inteirar-se de um processo de formação da língua em contexto, até então pouco evidenciado; por fim, é participar de uma descoberta, de cunho histórico, que gerará expressiva contribuição à sociolinguística.

Sobre tal desafio, é importante destacar que sua passagem em “Terra Mattogrosense” não é evidenciada quando se trata de sua contribuição literária à sociologia ou à história. Mesmo quando reportada a sua trajetória, a cidade de Corumbá aparece apenas como referencial às localidades por Bomilcar frequentadas, há pouca consideração ao seu papel como contribuinte de um importante periódico para a região.

A explicação para tal “descaso”, deve-se, hipoteticamente, ao ainda ínfimo conhecimento sobre tal documento como patrimônio linguístico e ao fato de os recentes estudos explorarem seu valor histórico no plano da lexicologia. No entanto, cabe ampliar as observações no plano sociolinguístico e desvendar os muitos mistérios e inovações que o documento apresenta.

A partir dessa nova perspectiva, mais que contribuições histórico-sociais, será possível perceber a oportunidade de aproximação com um processo de formação da língua em contexto, pouco explorado, mas de relevante contribuição à sociolinguística quando, de forma diacrônica, sofrer abrangência com outros relacionados, como é o caso da retomada de Álvaro Bomilcar na revista *Gil Blas*.

Conclui-se, mesmo que de forma ousada, retratando o caráter hipotético do estudo, que Bomilcar não é apenas um nacionalista exacerbado que contribuiu com a afamada Semana de 22 por seu valor nativista. Ele começou sua trajetória na cidade de Corumbá, no “pouco conhecido” *Almanack* e merece que tal ação precursora seja explorada.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMANACK *Corumbaense*. Corumbá: Typ. Italiana, 1898.
- BOMILCAR, Álvaro. *O preconceito de raça no Brasil*. Rio de Janeiro: Typ. Aurora, 1916.
- JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. *Revista Gil Blas e o nacionalismo de combate (1919-1923)*. São Paulo: Unesp, 2012.
- KOERNER, Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. *Revista da ANPOLL*, n. 2, 1996.
- LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- LOPES, Castro. *A língua brasileira*. Rio de Janeiro: Borsoi, 1935.
- NASCIMENTO, Jarbas Vargas. A historiografia linguística e a consolidação de seu estado científico. São Paulo: *Revista Acta*. Disponível em: <<http://www.assis.unesp.br>>. Acesso em: 29-04-2015.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- PAULINO, Eliane Santos. Álvaro Bomilcar no *Almanack Corumbaense*: prenúncio em defesa de um português brasileiro – uso de clíticos. *Revista Philologus*, ano 20 n. 60 – Suplemento. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/revista>>. Acesso em: 29-03-2015.
- PINTO, Edith Pimentel. *O português do Brasil: textos críticos e teóricos II – 1920/1945*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1981.
- SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1986.